

Cartografias Poéticas: trajetórias meio a Arte e a Cultura Visual

Cartografias Poéticas: trajectories through Art and Visual Culture

ALDO VICTORIO FILHO* & VICTOR JUNGER**

Artigo completo submetido a 02 de maio de 2018 e aprovado a 09 de maio 2018

*Brasil, professor de artes. AFILIAÇÃO: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular. Rua São Francisco Xavier, 224, 11 andar, sala 11025, Bairro Maracanã, 20550-900, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail (institucional): avictorio@gmail.com

**Brasil, performer. Afiliação: AFILIAÇÃO: Doutorando em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular. Rua São Francisco Xavier, 224, 11 andar, sala 11025, Bairro Maracanã, 20550-900, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: victorjunger@gmail.com

Resumo: Apresentamos nesse artigo parte das condições pelas quais desenvolvemos nossa pesquisa sobre o ensino das Artes Visuais, na cidade do Rio de Janeiro, com o trabalho de cartografias de processos de ensino e aprendizagem, acentuando-se sua prospecção poética como indispensável ao aprofundamento da experiência investigativa. Nesse sentido, oferecemos um esboço de cada uma das oficinas que nos permitiram iniciar o trabalho da pesquisa, num processo simultâneo de elaboração e produção cartográfica entre os espaços da universidade e do colégio estudado.

Palavras-chave: método cartográfico / ensino de artes / cultura visual / cotidiano escolar.

Abstract: *We present in this article part of the conditions by which we developed our research on the teaching of the Visual Arts, in the city of Rio de Janeiro, with the work of cartographies of teaching and learning processes, emphasizing their poetic exploration as indispensable for the deepening of the investigative experience. In this sense, we offer an outline of each one of the workshops that allowed us to start the research work, in a simultaneous process of cartographic elaboration and production between the spaces of the university and the college studied.*

Keywords: *cartographic method / art education / visual culture / school everyday life.*

Introdução

O presente artigo visa apresentar as condições pelas quais desenvolvemos nossa pesquisa sobre o ensino das Artes Visuais contemporâneo, na cidade no Rio de Janeiro, a partir das ações práticas comprometidas com a questão da Arte e Cultura Visual no campo do ensino.

Realizada em um colégio da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, a pesquisa procurou explorar outras dimensões da prática docente que estivessem envolvidas com um processo significativo de elaboração poética, procedendo ela mesma como um exercício poético entre as propostas pedagógicas pensadas e vivenciadas com os estudantes secundaristas. Interessou-nos conduzi-la no âmbito do programa institucional PIBID Artes Visuais/UERJ — Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência — por oferecer condições de uma prática formativa que envolvesse processos complexos de elaboração, já que também os bolsistas se veriam sob a igual tarefa de pensar a sua própria formação (Alves, 2008), nesse movimento crucial à educação que é sempre considerar aquilo que se aprende quando se ensina algo a alguém.

Tais condições nos permitiram problematizar a Arte e Cultura Visual num processo compartilhado entre diferentes experiências de formação que, praticadas no espaço da universidade e do colégio, também possibilitaram um enriquecimento de nossa elaboração acerca das práticas de ensino e dos acontecimentos de aprendizagem. Desde o momento em que não se limita à percepção de um sujeito de conhecimento, mas toma como centralidade de sua realização o gesto compartilhado, a pesquisa não cessa de se fazer nos encontros que movem sua problemática por um campo de interrogações, expresso particularmente entre as produções visuais desenvolvidas pelos bolsistas e estudantes do colégio.

Nesse sentido, o seu desenvolvimento aconteceu a um só tempo pela produção artística e visual reconhecida como pertencente ao universo escolar e pelas investigações pessoais que estabelecemos a fim de mapear as perspectivas visuais e artísticas que nos constituem enquanto sujeitos do olhar. Um processo que exige de nossa parte a elaboração dos caminhos da pesquisa por uma expressividade eminentemente visual, como forma de posicionar suas reflexões no plano da visualidade, mobilizando exercícios que garantissem a densidade poética e sensível do elaborado sem afastá-lo dos efeitos a serem compartilhados. (Figura 1)

Acreditamos que, pelo esforço exploratório em nível expressivo e pessoal, a proposta metodológica capaz de nos oferecer um instrumental amplo e consistente a esses processos seria a proposta cartográfica, pela capacidade de atuar em diferentes planos da experiência investigativa sem minorar o papel



Figura 1 · Turma de estudantes produzindo suas cartografias, UERJ, 2017. Fonte: própria.

das imagens no curso da própria investigação e, como se verá, pelo recurso a problematização do sujeito do conhecimento como implicado pelas transformações da experiência.

1. Cartografia dos Processos e suas Poéticas

A metodologia cartográfica como ação investigativa possui dois sentidos combinados: a prospecção na atividade poética e a autoinvestigação em relação ao tema proposto, neste caso, o percurso de aproximações e afastamentos das artes e demais imagens de afeto.

Essa modalidade metodológica está longe de prescrever procedimentos que se ocupariam de validar a pertinência de um grupo de hipóteses, previamente determinado pelo campo discursivo de seu pertencimento, num regime de produção do conhecimento orientado pelo verdadeiro e falso. Ao contrário, a metodologia cartográfica pressupõe o primado do vivido em relação às expectativas do que se espera conhecer, elaborando o processo investigativo pelos desvios assumidos em seus percursos, a fim de acentuar o papel da experiência e seus efeitos no processo de produção do conhecimento.

Além disso, não é apenas o objeto na cartografia que estaria em constante modificação, em condições de ser descoberto e definido por um escopo metodológico, mas o próprio sujeito do conhecimento responsável pelo jogo de enunciações que, por sua vez, seria posto em questão, enquanto dimensão do processo investigativo submetida a transformações como ocorre em outros níveis. A orientação cartográfica trata tanto de um campo de produção dos objetos como dos sujeitos, onde experiência pode ser atravessada como um todo pelo processo de pesquisa, considerando a permanente transformação dos saberes envolvidos e dos traços imagéticos em realização.

Assim, os mapeamentos que procuramos desenvolver não dizem respeito apenas à Arte e Cultura Visual como objeto de investigação no ensino, mas também os sujeitos da investigação como estes que mobilizam um campo subjetivo comprometido com seus contextos de realização (Rolnik, 2014). As experiências cartografadas informam parte daquilo que é produzido no colégio acerca dos objetos de interesse, ao nos posicionar como sujeitos que percebem e compreendem os acontecimentos, como traços dos percursos que realizamos pelo universo artístico e visual de nosso pertencimento íntimo e coletivo.

Ao contrário de se concentrar no teor e objeto de investigação, a cartografia procura problematizar num mesmo gesto de pesquisa os sujeitos de enunciação e o modo como o trabalho investigativo acontece (Kastrup, Passos & Escócia, 2009), configurando um traçado que não cessa de confundir as diferentes di-

mensões da experiência num mapa de relações e tensionamentos. Como essa metodologia não pretende oferecer um ponto de referência exterior à análise e produção, interessa aqui pensar a experiência investigativa pelo modo como procede a sua realização com os meios e estratégias empregadas.

Sua expressividade também mobiliza um fazer poético que, longe de se limitar aos seus aspectos formais, procura aprofundar nossa compreensão do pertencimento de mundo presente entre as relações com o imagético. Nossos esforços concentraram-se nesse processo como modo de produção dos materiais e oficinas propostas, assim como a elaboração das experiências vividas no espaço escolar em um plano eminentemente visual, enquanto saberes da pesquisa que não poderiam ser negligenciados por justamente informar parte dos universos artístico e imagético acessados.

Para tanto, as ações da pesquisa foram deflagradas com oficinas que promoveram ações coletivas como estratégia de reconhecimento das referências visuais, praticadas tanto entre os estudantes do colégio quanto com os bolsistas no espaço da universidade. O desenvolvimento dessas oficinas ocorreu em pesquisa com os bolsistas do programa, numa investigação pessoal das aprendizagens e relações com a linguagem plástica, e, por outro lado, com os estudantes do colégio que foram introduzidos às propostas como forma de exploração do universo visual.

As cartografias foram desenvolvidas entre o grupo de bolsistas que, experimentando o processo a ser desenvolvido no colégio, moviam questões quanto ao modo com que aprendemos as coisas do mundo, à nossa íntima relação com os materiais, e à expressividade das composições que se dariam em mapas; e, ao mesmo tempo, desenvolvemos as cartografias com os estudantes do colégio como forma de reconhecer o universo visual e suas relações de pertencimento e, quando possível, convidá-los a arriscarem-se por novas vias expressivas não praticadas ou, mesmo, desconhecidas.

A seguir, procuramos esboçar as condições pelas quais as cartografias foram desenvolvidas na investigação das imagens, materiais e composições com que tentamos responder à problemática de nosso pertencimento aos universos artísticos e visuais, e, assim, procuramos nos aproximarmos dos desafios do ensino pelas relações cartografadas.

1.1 Oficina nº1 PIBID/Artes Visuais: no espaço da universidade

Iniciamos as cartografias com perguntas que, acreditamos, nos ajudariam a pensar os momentos de aprendizagem mais significativos em nossas vidas. Seria fundamental atentarmos para as marcas que, em nossos corpos, possível-

mente traduziriam parte das experiências formativas vivenciadas no colégio. Nossa conversa também se dirigiu para preocupações acerca do campo imagético e sua relação com os momentos de aprendizagem, de maneira que a tentativa de pensar essas relações com as imagens envolvia não somente sua relação com o lembrado, mas também os traços que gostaríamos de inscrever na superfície de nossos mapas pessoais. Procuramos explorar esse jogo de traduções entre aquilo que era retomado nesse pensar o aprendizado e o traço visual inscrito no plano cartográfico, formando um percurso com o passar do tempo que expunha a complexidade dos elementos em mútua relação. Por fim, apresentamos para o grupo o que havia sido realizado no processo, como resultado das reflexões e imagens que acreditávamos responder a questão do ensino numa dimensão eminentemente afetiva. (Figura 2)

1.2 Oficina nº 2 PIBID/Artes Visuais: no espaço da universidade

Nossa conversa inicial partiu de questões relacionadas ao espaço escolar, de vivências que poderiam nos informar os momentos aprendizagem passados e ainda presentes em nossa prática. Procuramos traçar no papel elementos visuais que pudessem nos auxiliar nessa investigação, sem necessariamente respondermos a questão das aprendizagens na escola com um fato rememorado. Conforme cobríamos a superfície com um traçado de imagens, recuperando elementos que nos informavam nossa relação pessoal com o ensino, também atentávamos para criar nesse momento um traçado que pudesse comunicar uma cartografia a outra cartografia. As composições seriam dispostas num conjunto mais amplo em que fosse possível dimensionar a complexidade de entendimentos acerca do espaço escolar, e perceber a maneira como essa complexidade se realizada no seu encontro com cada uma das cartografias.

1.3 Oficina nº 1 Ensino Médio: no espaço do colégio

Após apresentar algumas colagens aos estudantes, propusemos a leitura de um conto de Mia Couto que possuía como elemento central uma aldeia composta apenas por mulheres. Interessava-nos aqui atuar a um só tempo no campo da produção visual e do exercício da palavra, por uma ficcionalidade que permitisse a criação de um esgarçamento de suas possibilidades. Começamos em seguida a selecionar imagens entre o material disponível, que nos oferecessem um grupo de elementos a ser trabalhado, sem nos preocuparmos previamente com o sentido que as colagens poderiam assumir desde o momento inicial. Partimos de uma seleção de seis imagens encontradas nos materiais para compor as colagens com quatro delas e, por fim, procedemos



Figura 2 - Turma de estudantes produzindo suas cartografias, UERJ, 2017. Fonte: própria.

Figura 3 - Turma de estudantes reorganizando o mobiliário em uma instalação, colégio, 2017. Fonte: própria.

com o conto da mesma forma, selecionando frases ou palavras que pudessem fortalecer as composições já concluídas.

1.4 Oficina nº 2 Ensino Médio: no espaço do colégio

Na segunda oficina retomamos o trabalho das colagens a partir dos objetivos pedagógicos, para pensarmos as possibilidades de apreciação do material a partir de práticas institucionalizadas. Como interessava conhecermos outras formas de apresentação, propusemos o uso do mobiliário da sala de aula como possibilidade de elaboração de uma instalação que pudesse atender tais objetivos. Começamos a montagem com um jogo coletivo onde cada um deveria dispor qualquer peça da forma que mais lhe aprouvesse, sem perder de vista que isso também produziria efeitos quanto à forma como perceberíamos os trabalhos e suas composições. Cada estudante deveria posicionar suas colagens na instalação sabendo do jogo de visibilidades que sua posição envolveria, numa aproximação ou afastamento daqueles que veem a imagem como algo indispensável em suas escolhas. Por fim, pedimos que escrevessem a partir de uma colagem um grupo de quatro descrições do que poderia ser visto, incorporando as descrições à instalação como parte de todo o processo de elaboração das oficinas. (Figura 3)

As condições de realização das cartografias comunicam de alguma forma os movimentos praticados em sua elaboração, pelos problemas que são pensados em relação à imagem, o universo da Arte e a Cultura Visual, o que seria possível inscrever no percurso cartográfico com o tempo e materiais disponíveis. Aqui, a imagem inscrita na cartografia como resposta e tradução de uma ideia de aprendizagem tem íntima relação com os recursos disponíveis à sua realização e, por conseguinte, com seu compartilhamento entre os envolvidos na oficina.

E, a partir de tais condições, as cartografias se compunham das relações simbólicas e formais que, em cada uma delas, viriam a exprimir nossa relação com o ensino e, por outro lado, as formas de acesso e habitação dos universos artísticos e visuais, pela recorrência e intensidade com que surgiam enquanto inscrição dos traços imagéticos e do teor a ser elaborado. As cartografias de nossa aprendizagem também subsidiavam as interlocuções com o que vinha sendo praticado na oficina, amparando nosso dizer acerca do gesto de elaboração pelo que fora inscrito e, dessa maneira, retomando a visualidade do mapa como forma de expandir o praticado através de outras possibilidades visuais.

A medida que avançamos com o trabalho das oficinas outras formas de uso dos materiais, imagens e dos mapas eram experimentadas, imprimindo pequenos desvios aos percursos que vinham sendo produzidos e pensados. O que, acreditamos, estava longe de estabelecer para o gesto de ensinar e aprender um

limite estrito, podendo ser determinado dessa maneira por interesse, necessidade e desejo eminentemente pessoal, como também coletivo enquanto sujeito a ser compartilhado entre os seus pares. Um tempo de elaboração e aprendizagem que, no praticado das oficinas, ensinava a proceder com um universo de coisas intimamente relacionado ao nosso pertencimento de mundo, e a habitar um espaço de produção poética necessário às elaborações de um fazer visual e artístico.

Assim, constituímos as condições em que as cartografias puderem ser produzidas com a particularidade dos contextos de realização, pela exploração de um conjunto de práticas que nos permitiram conhecer a dimensão estética e afetiva da proposta em seu uso formativo. Experimentando o que nossos alunos vivenciariam nas oficinas, abrimo-nos para que nossas referências artísticas e visuais se comunicassem com as deles, não encerrando a prática de ensino entre aquilo que é determinado pelos papéis institucionais. Acreditamos que, com essa possibilidade de vivencia pela cartografia, a formação do gesto de ensinar e no gesto de ensinar termina por considerar a complexidade que lhe é constitutiva, aproximando-nos de sua densidade enquanto importante recurso ao nosso pertencimento de mundo.

Considerações Finais

A variedade de produções e recursos formais nas cartografias, bem como sua densidade simbólica no uso das imagens, indicia parte do envolvimento com a proposta que pode acontecer pelas condições estabelecidas. Esse envolvimento que permitiu nos aproximar de um substrato tão pessoal também possibilitou em parte a elaboração do modo como nos relacionamos com o mundo. O trabalho cartográfico ao mesmo tempo em que tocava em um universo pouco comunicado exigia no fazer expressivo a retomada de imagens do campo da Arte e Cultura Visual, como recurso sempre disponível ao falar, expressar e ao ver a respeito das nossas vidas. Acreditamos que, pelo envolvimento e densidade dos trabalhos, no processo de formação e ensino nos permitimos realizar um conjunto de poéticas, de alguma forma amparado por essa proposta que é cartografar os processos em que aprendemos no momento em que aprendemos. Um gesto de possibilidades para os ensinamentos, aprendizagens e as poéticas da Arte e Cultura Visual, prenhe de visadas e imagens com que se relacionar na alçada dos mundos.

Referências

- Alves, Nilda (2008). Decifrando o pergaminho — o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês Barbosa & Alves, Nilda. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas — sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro, RJ: DP & A: 15-38.
- Couto, Mia (2012). Lenda Namarói. In: Couto, Mia. *Estórias Abensonhadas*, São Paulo: Companhia das Letras: 115-119.
- Kastrup, Virgínia; Passos, Eduardo & Escócia, Líliliana de (2009). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Rolnik, Suely (2014). *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. 2.º ed., Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS.